

Zélia Alves

Pai Imaginário

Zélia Alves

Que procuramos quando abordamos uma perturbação mental? Significações, mesmo veladas, “mascaradas nos sintomas, são sempre significações que procuramos”. Nessa procura, encontramos encruzilhadas, labirintos, bifurcações e tantos volteios que corremos o risco de neles nos perdermos. Como exemplo, analisemos o caso da manifestação de “uma inclinação homossexual”, que pode aparecer no Édipo invertido. Sabemos que, na neurose, o sujeito defende-se dessa inclinação latente tomando como causa o temor da castração; e, aqui, podemos nos indagar: -Por que supor que a orientação homossexual implica, logo no início, uma correlação causal para o sujeito? Por que a captura pelo imaginário homossexual comporta o fato de que ele possa perder o pênis? É verdade que o sujeito pegado numa captura passiva da relação homossexual - o temor da castração – entra automaticamente em jogo, mas não em todos os casos. A coerência causal é construída pela “extrapolação abusiva das coisas do imaginário, no real”.

Sabemos que o *significante*, com sua supremacia, seu jogo, sua insistência próprios, intervém em todos os interesses do ser humano, por mais primitivos e elementares que nós o suponhamos. Há leis que lhe são próprias, difíceis de isolar, quando estamos sempre colocando esses significantes num jogo com algumas significações. O significante isolado não significa nada. Assim então é que veremos que o sentido da descoberta analítica não se encontra simplesmente no fato de ter achado significações, libidinais ou instintivas, relativas a uma série de comportamentos, mas sim de, no homem, ter encontrado significações mais próximas das necessidades, relativas à inserção mais animal, no meio nutritivo, cativante; significações primordiais submetidas às mesmas leis dos significantes.

O interesse, o desejo, a apetência que prende o sujeito em uma significação, leva a que ele procure o tipo, a pré-formação, dessas significações no registro das relações instintivas. A relação do sujeito com o desejo é concebida, a princípio, como essencialmente imaginária. Podemos então nos embrenhar nos catálogos dos instintos, de suas equivalências e desembocaduras, uns nos outros, mas são as leis biológicas que tornam algumas significações instintivamente interessantes para o sujeito humano. E aqui podemos indagar: -Qual a parte que depende do significante? O que é da ordem do significante?

1

Partamos dos animais. Há, na sua estrutura, na morfologia dos animais, algo que tem valor captante, que faz com que aqueles que vêem o vermelho do pintarroxo – o receptor – e aquele que é feito como tal – entrem numa série de comportamentos, que liguem o portador desse sinal àquele que o percebe. É a “significação natural” a que Lacan se refere. Como isso se elabora para o homem?

Há um rasto, o passo na areia que não engana. O sinal separa-se do objeto. O rasto, no que ele tem de negativo, conduz o sinal natural a um limite, onde ele é evanescente. A distinção do sinal e do objeto está clara, já que o rasto é o que o objeto deixa. O rasto está ali, existe, mesmo sem ninguém para olhá-lo. O significante pode estender-se a muitos elementos do domínio do signo, mas ele é um signo que não remete a um objeto, mesmo sob a forma de rasto, o que enuncia seu caráter essencial. Ele também é sinal de uma ausência, mas, na medida em que ele faz parte de uma linguagem, ele é um sinal que remete a outro sinal, que é estruturado para significar a ausência desse sinal e para se opor a ele como um par. (Sem. 3, 192)

Lacan nos fala do dia e da noite, para nos fazer sentir que a própria noção de dia, a noção da vinda do dia, é alguma coisa inapreensível. A oposição do dia e da noite é uma oposição significante que ultrapassa todas as significações que ela possa recobrir e mesmo qualquer espécie de significação. O significante *homem*, como também o significante *mulher*, são diferentes de uma atitude passiva e de uma atitude ativa; atitude agressiva e atitudes cedentes, diferenças de comportamentos. Há, sem dúvida, um significante escondido que, mesmo assim, não está encarnado na existência da palavra *homem* e da palavra *mulher*.

“O registro do ser está na palavra”. Não é necessário que seja vocábulos verbalizados; pode ser sinais numa muralha. Para o primitivo, seja uma pintura ou uma pedra, é sempre outra coisa que tipos de comportamento.

O sujeito só inventa o significante a partir de algo que já está lá – o traço. A descoberta do traço na areia consiste na identificação do sujeito com um traço negativo, que faz corte sobre um fundo de ausência. A identificação com esse “traço unário” procura preencher o vazio deixado pela ausência de um significante originário.

É possível que haja significante de base para que a ordem das significações humanas possa se estabelecer. É o que nos explicam as mitologias. “Pensamento mágico – termo que pode explicar como pessoas como nós, ao nascerem, tenham interpretado o dia e a noite, a terra e o céu, como entidades que se conjugam, copulam, numa família cheia de incestos, eclipses extraordinários, desaparecimentos, mutilações etc. É graças, justamente, aos mitos que o primitivo se acha dentro da ordem de significações. Ele tem a chave para todas as situações.

Lacan admite que há uma forma de defesa, quando a defesa é provocada por uma tendência ou significação proibida. Outra defesa é não se aproximar do lugar onde não há resposta à

questão. Ele refere também algo que encontra sempre no que se chama de pré-psicose, “o sentimento de que o sujeito chegou à beira do buraco”. Não se trata de fenomenologia, trata-se de conceber o que se passa para o sujeito quando a questão é o buraco, é o vazio, é a falta que se faz sentir. Uma situação assim tem conseqüências.

Há tamboretos de quatro pés, mas alguns têm três. Os pontos de apoio significantes, que sustentam o mundo dos “homenzinhos”, têm números muito reduzidos. É possível que, no tamborete, não haja pés suficientes, mas ele fica firme, até certo ponto. Mas, quando o sujeito, numa encruzilhada de sua história biográfica, sente-se confrontado com esse defeito, que existe desde sempre, ele descompensa (foraclusão). Então, acarreta conflitos, não como nas neuroses que se explicam como descompensações significativas, mas como nas psicoses – onde é o significante que está em causa e, como o significante não é solitário, ele forma sempre alguma coisa de coerente, é por isso que a falta de um significante leva o sujeito a reconsiderar o conjunto dos significantes.

Seria possível e viável considerar as conseqüências da falta essencial de um significante nos sujeitos acessíveis que são os psicóticos?

Neurose sem Édipo não existe. Levantou-se essa questão, mas não é verdadeira, reforça Lacan. (Sem. Formações do Inconsciente)

Numa psicose admitimos que alguma coisa não funciona, algo não se completou no Édipo. Lacan se refere à psicose como um buraco, uma falta ao nível do significante. Pode-se falar de um buraco. Nada mais perigoso do que a aproximação de um vazio.

Nas neuroses é a significação que, por um tempo, desaparece, eclipsada, e vai situar-se longe, enquanto a realidade agüenta a situação. Tais defesas não são suficientes no caso das psicoses. É na realidade que aparece o que deve defender o sujeito que situa fora o que poderia suscitar nele a pulsão instintiva, contra a qual se trata de fazer frente.

O termo realidade é inteiramente insuficiente. Devemos considerar uma realidade significante que não nos apresenta simplesmente obstáculos, mas uma verdade que verifica e se instaura por si mesma como orientando esse mundo e introduzindo os seres para chamá-los pelo nome deles.

Mas o que se passa quando a verdade da coisa falta, quando não há mais nada como representá-la em sua verdade, quando o registro do pai está em falta?

O pai não é simplesmente um gerador, mas aquele que possui a mãe. Sua função é central no Édipo e condiciona o acesso do filho ao tipo de virilidade, com sua função também correlativa da função do pai.

O pai pode ter um certo modo de relação tal que, como o filho, possa aderir a uma posição feminina, mas não é, necessariamente por temor à castração.

Conhecemos filhos delinquentes ou psicóticos que proliferam à sombra de uma personalidade paterna de caráter excepcional, de um desses monstros sociais que a gente chama de “monstros sagrados”. Personagens marcadas por um estilo de irradiação e de sucessos, mas de maneira unilateral, no registro de uma ambição ou de um autoritarismo desenfreados, às vezes, de talento, de um gênio. Não é necessário que haja talento, mérito, gênio, mediocridade ou maldade, basta que seja unilateral e monstruoso. Não é por acaso que uma personalidade psicótica se produza em tal situação que impossibilita para o sujeito assumir a realização do significante pai em nível do simbólico.

Resta-lhe a imagem a que se reduz a função paterna, que não se inscreve em nenhuma dialética triangular, mas sua função de alienação, de modelo, dá ao sujeito um ponto de engajamento e lhe permite apreender-se no plano imaginário.

Se a imagem captadora é desmedida, se a personagem em questão se manifesta simplesmente na ordem da potência e não do pacto, aparece, então uma relação de rivalidade, com agressão e temor.

Enquanto essa relação permanece num bloco dual, imaginário, desmedido, não há o significante de exclusão recíproca que o afrontamento especular comporta, mas outra função da captura imaginária.

A imagem adquire, de saída, a função sexualizada, sem necessidade de nenhuma intermediação, de nenhuma identificação com a mãe, ou com quem quer que seja. O sujeito toma uma atitude intimidada, como se observa no peixe e no lagarto. A relação imaginária se instala sozinha, num plano desumanizante, porque não deixa lugar para uma relação de exclusão recíproca, o que permitiria fundar a imagem do eu.

A alienação é radical, está ligada a um significado aniquilante, numa relação rivalizadora com o pai e com o aniquilamento do significante. Essa despossessão primitiva do significante, do sujeito, vai levar seu peso e assumir sua compensação durante toda a sua vida, por uma série de identificações puramente conformistas, às personagens que lhe poderão dar sentimento do que precisa para ser um homem.

Em certos psicóticos, a situação pode ser sustentada por muito tempo, compensada. Por que se descompensa? O que torna, subitamente, que as “muletas imaginárias” já não permitem ao sujeito compensar a ausência do significante?

Podemos questionar se não é de uma certa incompletude da realização da função paterna do que se trata. Muitos autores tentam explicar a eclosão do delírio de Schreber em relação ao pai. Não que ele esteja, no momento, em conflito com o pai – há muito que lhe

desapareceu- também ele não está em fracasso no acesso à função paterna, quando vive etapa brilhante de sua carreira, numa posição de autoridade. Talvez o delírio de Schreber fosse o de uma “vertigem de sucesso”, mais do que do sentir do fracasso.

Nas psicoses invocamos os mesmos mecanismos de atração, de repulsão, de conflitos, de defesa que há nas neuroses, ainda que, fenomenológica e psicologicamente, sejam diferentes, ou mesmo opostos. Podemos admitir que as psicoses não estão só na dependência do que manifestam no nível das significações, mas que provêm essencialmente de algo que se situa nas relações do sujeito com o significante. O significante sozinho não significa nada, quando é capaz de dar, a todo momento, significações diversas.

Idéia-núcleo:

“Se a imagem captadora [do Pai] é desmedida, se a personagem em questão se manifesta simplesmente na ordem da potência e não do pacto, aparece, então, uma relação de rivalidade, com agressão e temor.”